



## O construtivismo é uma aventura criadora da liberdade<sup>1</sup>

Paulo Freire

(Respondendo uma pergunta sobre desafios de uma escola construtivista)

[...]

Vejam... há uma espécie de horizonte, de arco-íris, cujo miolo seria a concepção construtivista da prática pedagógica, com “n” dimensões que se constituem como problemas, como desafios: primeiro, as que dizem respeito aos educadores e às educadoras; segundo, aos que se ocupam em pensar a educação (os pedagogos, os filósofos etc); terceiro, aos alunos também, que participam da prática pedagógica construtivista, e os pais e mães.

Uma dessas dimensões é exatamente a compreensão e a prática autoritárias que a sociedade brasileira tem. Um dos elementos fundamentais do construtivismo está na epistemologia, quer dizer, na teoria do conhecimento que orienta a concepção e a prática construtivista. A perspectiva epistemológica do construtivismo necessariamente é uma perspectiva dialética, eminentemente dialética, e não mecânica, e não mecanicista. Há, por exemplo, uma série de pensadores e cientistas que não usaram esse nome, mas que são construtivistas, e cuja contribuição é indispensável à compreensão do que vem se chamando de construtivismo.

É impossível, por exemplo, se aproximar da compreensão construtivista sem Piaget, sem a epistemologia de Piaget, porque Piaget foi um psicólogo que virou epistemologista, que é muito mais epistemologista do que psicólogo. Foi a Psicologia que o trouxe à Epistemologia, à teoria do conhecimento... e a teoria do conhecimento em Piaget é eminentemente dialética: ele não explica nada mecanicamente.

Há Vygotsky, que para mim, em certos sentidos, foi mais além do que Piaget, apesar de ter morrido com 33 anos, em 1934. A contribuição de Vygotsky, precisamente por sua marca marxista, já naquela época um marxista rebelde, é de um marxista humanista, um marxista que compreendia o papel da consciência, o papel da subjetividade no processo de conhecer.

---

<sup>1</sup> Este texto é uma transcrição editada da fala do Professor Paulo Freire na Escola Cooperativa no início dos anos 90. A iniciativa de destacar o trecho final de sua longa conversa com pais e educadores da escola foi motivada pela relevância e atualidade de sua abordagem sobre o construtivismo, tema pouco comum em suas falas e textos escritos. E a iniciativa de editar a transcrição, inclusive sem a indicação dos pequenos trechos omitidos, foi motivada pela necessidade de ajustá-la à condição de texto escrito público, pois seria inadequado e desrespeitoso apenas converter em escrita palavras que foram pensadas para serem ditas em uma conversa presencial – e como o autor não está mais entre nós para “assinar” o próprio texto, esses cuidados são necessários. Assim, por se tratar de um texto escrito que não foi produzido por escrito pelo autor da fala, aqui está o link da fala original: <https://youtu.be/IK4WlrljrU> E aqui estão os links da palestra integral: <https://www.youtube.com/watch?v=IU8IGOqopw&sns=fb> e <https://www.youtube.com/watch?v=V0n4bmau7A4>

A transcrição foi feita por Juliana Vieira e a edição, por Rosaura Soligo.



E há a Emilia Ferreiro, que tem dado uma contribuição importante no campo da compreensão da linguagem, da aquisição e produção da linguagem – ela tem dado uma contribuição indiscutível ao mundo.

Eu acho que dei também uma séria contribuição à estruturação do que se vem chamando de construtivismo no país. Agora, vejam bem, um dos centros dessa perspectiva construtivista é o gosto pela liberdade. Não é só o gosto, é o gosto seguido da vontade de ser livre. Posso dizer com outras palavras: no construtivismo, temos o processo de conhecer, o conhecimento, como uma produção social. E aí Vygotsky traz quase tudo. Quer dizer, o conhecimento se dá socialmente, se produz socialmente, tendo, porém, uma dimensão individual, que é a da decisão do indivíduo que produz socialmente o conhecimento. Não se pode esquecer a presença do indivíduo. Em alguns construtivistas, se encontra isso com mais ênfase, em outros, com menos ênfase. Mas a liberdade de conhecer e a liberdade de buscar caracterizam um certo gosto democrático que há no construtivismo. Agora vejam: essa perspectiva democrática, de respeito à consciência produtora de conhecimento, se choca com as tradições autoritárias da sociedade brasileira.

Então, no fundo, o construtivismo é uma proposta utópica – no sentido bom da palavra, e não em nenhum sentido negativo –, é uma utopia de liberdade, quer dizer, é uma aventura criadora da liberdade e necessariamente se choca ou é “chocado” pelas tradições autoritárias de que a nossa formação nos impregnou. Vejam, por exemplo, como é muito mais fácil a persistência na prática educativa de hoje, início dos anos 90, de repetir procedimentos do começo desse século, do que aceitar, inclusive, certas iniciações tímidas dos movimentos de Escola Nova.

Vejam como, também, certas críticas de esquerda à Escola Nova são críticas autoritárias, e não democráticas. Então, o construtivismo se defronta com barreiras que me parecem óbvias... Se fizéssemos uma eleição confrontando escola construtivista e escola autoritária, possivelmente a autoritária ganharia... Para mim, a reação, a primeira reação ao construtivismo, é exatamente de fundo autoritário, portanto de fundo ideológico – não se pode negar a presença ideológica e política no trato da Pedagogia.

Eu acho que a briga nossa é a da defesa de uma educação libertadora. ... A presença do autoritarismo entre nós é uma coisa enorme e o construtivismo não poderia escapar, na medida em que defende uma epistemologia dialética, democrática, dinâmica, em que o estudante assume um papel importante, o papel de sujeito, e não o papel de puro objeto paciente da transferência de conhecimento que o professor acha que tem. Quer dizer, é uma contradição, por exemplo, que um construtivista defenda pacotes que se distribuem entre as professoras para elas seguirem um certo currículo. [...]